

## As palavras mapeiam conceitos: representações dos migrantes na imprensa digital portuguesa

Filipa Perdigão Ribeiro & Kate Torkington

Universidade do Algarve – ESGHT

E-mail: fperdig@ualg.pt / ktorking@ualg.pt

### Resumo

Este artigo analisa a construção discursiva na imprensa digital dos termos EMIGRANTE, EXPATRIADO, IMIGRANTE, MIGRANTE e REFUGIADO no período de 2011-2015. O estudo explora a forma como as práticas discursivas jornalísticas (re)constroem e enquadram os vários grupos de migrantes. Com base num corpus especializado de artigos e títulos coligidos a partir das plataformas digitais de três jornais, a análise combina técnicas de análise linguística de corpora e a análise crí-

tica do discurso. O estudo demonstra a existência de representações positivas de Portugal no acolhimento dos migrantes em contraste com representações mais negativas da comunidade internacional em geral e apresenta claras diferenças entre as representações jornalísticas e as definições dicionarizadas; também aponta para o eurocentrismo do discurso e para a passivação e desagencialização das pessoas em trânsito.

Palavras-chave: migrantes; representações sociais; jornais digitais portugueses; análise de corpus.

## Words map out concepts: representations of migrants in the Portuguese digital press

### Abstract

This article analyses the discursive construction in the digital press of the terms EMIGRANT, EXPATRIATE, IMMIGRANT, MIGRANT, and REFUGEE during the period 2011-2015. The study explores how discursive practices (re)construct and (re)frame the various groups of migrants. Based on a specialized corpus of articles and titles collected from the digital platforms of three newspapers, the analysis combines corpus analysis and critical discourse analysis.

The study demonstrates the existence of positive representations of Portugal in hosting migrants in contrast to more negative representations of the international community in general and clearly presents the difference between media representations and dictionary definitions and points to the Eurocentrism of the discourses and the passivization and impersonalization of the people on the move.

Keywords: migrants; social representations; Portuguese digital press; corpus analysis.

---

Data de submissão: 2018-05-24. Data de aprovação: 2018-10-30.

A *Revista Estudos em Comunicação* é financiada por Fundos FEDER através do Programa Operacional Factores de Competitividade – COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto *Comunicação, Filosofia e Humanidades (LabCom.IFP) UID/CCI/00661/2013*.



## INTRODUÇÃO

Migrante, um termo que se impôs nos últimos tempos, é qualquer pessoa que se muda de um país para outro, a não ser que esteja a fugir de uma guerra ou a ser perseguido – aí pode ser considerado um refugiado. Mas não é um termo que agrade muito. [...]

Clara Barata, O que são estas pessoas, migrantes, imigrantes, refugiados?, *Público*, 28.08.2015

O ANO de 2015 assistiu a uma crise humanitária considerada sem precedentes na Europa. Esta crise despoletou um interesse alargado nos jornais portugueses que, quase diariamente a partir do mês abril, publicaram notícias sobre a situação. De facto, 4,7 milhões de imigrantes chegaram a países da União Europeia em 2015, dos quais estima-se que 2,4 milhões eram provenientes de países que não pertencem à União Europeia (Eurostat, 03/2017)<sup>1</sup>. Em 2013, haviam sido 1,4 milhões (Eurostat, 5/2015). Em simultâneo a questão política de o que fazer a estas populações tornou-se premente e passou a estar presente na agenda nacional e internacional. Jornais portugueses como o *Correio da Manhã* (CM), o *Público* e o *Expresso*, nas suas edições online, acompanharam esta questão de várias perspetivas: o percurso dos refugiados através do mediterrâneo e fronteiras da Grécia, Macedónia, Hungria e Áustria; a posição dos líderes dos países que se viram obrigados a gerir os grupos de indivíduos que lhes batiam à porta, a resposta dos políticos portugueses e entidades oficiais e as reações da sociedade civil e das ONG.

Face ao destaque que a crise migratória de 2015 ganhou nos media, de forma a compreendermos de forma sistemática a forma como a imprensa representa os migrantes e refugiados, o que por sua vez influencia as imagens e as representações da opinião pública portuguesa e tendo em vista as ambiguidades semânticas presentes nas designações utilizadas para nomear as pessoas em trânsito, de que o excerto a abrir este artigo é exemplificativo, este estudo explora as representações na imprensa portuguesa dos termos EMIGRANTES, EXPATRIADOS, IMIGRANTES, MIGRANTES e REFUGIADOS durante os anos de 2011-2015, a partir da construção de um corpus especializado com todos os títulos publicados neste período e com todos os artigos publicados nos portais online do CM, *Expresso* e *Público*, no ano de 2015. Para efeitos deste artigo quando fazemos referência ao conjunto dos cinco grupos referidos acima, utilizaremos as expressões *pessoas em movimento* ou *pessoas em trânsito*.

Nos últimos anos na imprensa internacional tem-se assistido à utilização de construções discursivas dos migrantes, imigrantes e requerentes de asilo que os apresentam como uma ameaça à segurança, como criminosos ou ainda como um peso nos recursos nacionais, ou seja, estas construções vão disseminando uma representação negativa e criam paulatinamente a eventual rejeição destas pessoas pelos nacionais. A 27.08.2015 o Alto Comissariado da ONU para os Refugiados (ACNUR) publicava a sua perspetiva sob o título “‘Refugiado’ ou ‘migrante’ – Qual está certo?” [‘Refugee’ or ‘migrant’ – Which is right?]. Dois dias depois o *Expresso* com «Migrantes ou refugiados? A distinção “é importante”, porque “as palavras importam”» e o *Público* com «Migrantes ou Refugiados? “As palavras importam” avisa ACNUR» apresentavam a versão em português dos

1. Estes números não representam os fluxos migratórios para e da UE no seu todo, uma vez que também incluem os fluxos entre países membros da EU (Eurostat, março 2017).

argumentos da Al-Jazeera e da ACNUR. Em 4 de setembro o *CM* publicava o texto «Migrantes, imigrantes, refugiados», e a 9 de outubro a Plataforma Barómetro Social também discutia o assunto no texto «Refugiado, imigrante ou pessoa...? O poder de nomear». (Disponível em Plataforma Barómetro Social [Blog], <http://barometro.com.pt/archives/1830>). Ou seja, observou-se um eco (embora tímido) das questões de designação e nomenclatura das pessoas em movimento nos três jornais em análise e verificou-se um aumento substancial na frequência do termo REFUGIADO (ver Tabelas 1 e 2). Aliás, a imprecisão conceptual e terminológica é descrita no Glossário sobre migração (2009), no qual se sublinha que as gradações entre “migração ilegal”, “migração clandestina”, “migrante indocumentado” e “migração irregular” não são normalmente tidas em consideração e que estas expressões são frequentemente usadas sem grande precisão e até como sinónimos (Perruchoud, 2009, pp. 3-4).

Como consequência da grande imprecisão terminológica, o uso que se faz dos termos migratórios varia de país para país e os termos podem, no interior do mesmo país, variar em significado ou implicações (Perruchoud, 2009, pp. 3). Como ilustração, encontramos o uso da palavra «emigrante» no seguinte título: «*Polícia marítima portuguesa resgata 32 emigrantes*» (*CM*, 13.12.2015), numa referência às pessoas que faziam a travessia entre a Turquia e a ilha grega de Lesbos numa embarcação sem motor. Note-se que este artigo data do final de dezembro, após o debate terminológico internacional e do próprio jornal ter publicado um artigo dedicado à distinção conceptual de «Migrantes, imigrantes, refugiados» (*CM* 4.09.2015).

Assim, um dos aspetos fundamentais que subjazem a esta pesquisa foi o debate internacional em torno da forma como se discute sobre (e/i)migração. De facto, o debate não se centra apenas em questões semânticas, mas apresenta contornos ideológicos, pois os termos utilizados para descrever certos grupos sociais implicam conceptualizações e categorias que têm implicações sociais: a construção de representações de pessoas em movimento nos discursos pode conduzir a estereótipos (van Dijk, 2000) e também a tratamento diferente de grupos diferentes nos países de acolhimento. Estes contornos permitem avançar representações particularmente negativas, mas também representações desequilibradamente positivas.

Reconhecem-se efeitos positivos da atenção dos media nas questões dos refugiados, por exemplo, fomentando a inclusão e chamando a atenção para a diversidade, contudo o potencial para refletir a diferença e para promover a ‘construção do outro’ é mais vendável, uma vez que o conflito é muitas das vezes considerado mais marcante e os estudos comprovam que discursos negativos dominantes perpetuam a representação do outro como ameaça (Breen, Haynes e Devereux, 2006; van Dijk, 2000).

Embora o debate terminológico da imprensa internacional no verão de 2015 se tenha centrado nas representações e valores semânticos dos termos MIGRANTE e REFUGIADO, devido à chegada à Europa de populações via Mediterrâneo, considerámos igualmente relevante explorar o campo lexical do domínio conceptual da migração, alargando o âmbito do nosso estudo ao termo ‘expatriado’, que pertence à mesma família de palavras. Deste modo, e também por razões de delimitação do estudo, focamos a nossa pesquisa nos substantivos concretos que designam pessoas ou grupos de pessoas, em forma de singular e de plural – EMIGRANTE, EXPATRIADO, IMIGRANTE, MIGRANTE e REFUGIADO –, e exploramos as respetivas representações durante os anos de 2011 a 2015.

Com a crise do Mediterrâneo de 2015, Portugal aparece nas notícias nacionais como parceiro europeu ativo e voluntário no acolhimento dos refugiados. É provável que a taxa ainda não muito alta de cidadãos estrangeiros residentes em Portugal influencie a generosidade que Portugal manifesta no acolhimento dos refugiados, com 68,2% dos respondentes a manifestarem-se nesse sentido. Contudo, no preâmbulo do relatório estatístico de 2016 produzido pelo Observatório das Migrações ainda se faz referência a uma linha de argumentação que questiona o facto de Portugal os receber pois «a chegada de imigrantes viria sobrecarregar o nosso sistema de segurança social e onerar o contribuinte português [...]. Isto para não falar do sempre agitado fantasma do alegado aumento da criminalidade» (Oliveira e Gomes, 2016, p. 4).

O nosso objetivo é compreender de que forma emigrantes, expatriados, imigrantes, migrantes, e refugiados são definidos e construídos discursivamente na imprensa portuguesa, ou seja, analisar as identidades que lhes são atribuídas. Exploramos todos os temas abordados nos títulos selecionados e analisamo-los do ponto de vista das linhas estruturantes da construção discursiva, social e contextual à luz de duas perguntas de investigação: (1) Quais são os tópicos e assuntos discutidos nos artigos relacionados com estes grupos?; (2) A conceptualização de cada um dos cinco termos está bem delimitada ou nota-se uma fusão dos termos, sendo estes utilizados de forma equivalente? Começámos por aplicar o método de análise de corpora, que permite explorar grandes quantidades de texto, e posteriormente analisámos qualitativamente os títulos das notícias.

O artigo inicia-se com o contexto social e mediático, ao qual se seguirá a justificação do corpus. Na terceira parte procedemos à análise do corpus através das ferramentas de linguística de corpus e da análise qualitativa baseada no enquadramento temático de cada um dos termos de pesquisa. Na parte final do artigo apresentaremos as principais conclusões.

## **A IMPRENSA E OS IMIGRANTES, MIGRANTES E REFUGIADOS**

Os media, enquanto agências públicas de observação, interpretação, representação e disseminação, combinam sentidos emocionais e conceptuais de forma a alcançar efeito máximo no público-alvo. Assim, todas as representações mediáticas refletem a interpretação, perspetivas e atitudes bem como as construções, ou seja as ideologias pessoais, institucionais e corporativas dos produtores dos media em conjunto com outros atores sociais (Johnson e Ensslin, 2007). Por outro lado, as pessoas adquirem grande parte da informação sobre política e assuntos internacionais através dos media, quer tradicionais quer digitais. Desta forma, a construção de notícias tem consequências diretas nas representações que as pessoas fazem dos eventos e assuntos (Bolsen, 2011), que importam investigar no contexto português.

Os media têm um papel fundamental na interface entre discursos produzidos pelos poderes dominantes e a sociedade em geral. Na imprensa digital verificamos que as notícias curtas, muitas vezes a mera reprodução das notas de imprensa da Lusa, são republicadas nos vários portais *online* sem um grande trabalho de investigação e de reescrita. Contudo, sabemos que as notícias são selecionadas e estruturadas de acordo com o seu valor noticioso, o que significa que determinados eventos e factos são considerados mais notáveis do que outros. Este valor atribuído às histórias noticiadas reflete, naturalmente, ideologias e atitudes sociais e presume-se que é partilhado por produtores e pela audiência do *medium* respetivo (van Dijk, 1988; Bednareck, 2006).

Claro que numa perspetiva dialógica dos textos mediáticos, a interpretação depende dos recetores e do contexto de receção. Os textos mediáticos também dependem das relações intertextuais com outros géneros textuais, quer diacrónica, quer sincronicamente. Consequentemente, os media estão sempre a produzir e reproduzir significados sociais. Assim, e recorrendo ao relatório sobre a cobertura mediática da crise de refugiados e migração em cinco países (Reino Unido, Alemanha, Espanha, Itália e Suécia), podemos afirmar que «é inegável o impacto dos media no público e nas atitudes da elite política em relação aos requerentes de asilo político e à migração» (Berry, Garcia-Blanco e Moore, 2015, p. 5), sendo que os meios de comunicação social definem agendas e enquadramentos temáticos. Assim, a recolha de todos os textos disponibilizados nos portais dos três jornais durante o ano de 2015 com os termos EXPATRIADO(S), EMIGRANTE(S), IMIGRANTE(S), MIGRANTE(S) e REFUGIADO(S) no título permite-nos traçar a (re)produção de certas representações dos grupos de pessoas envolvidas nas migrações.

De facto, existe um conjunto de estudos que analisa os imigrantes, os migrantes e os refugiados do ponto de vista das representações discursivas na imprensa em vários países. Estes estudos investigam de que forma os jornais apresentam perspetivas mais ou menos discriminatórias destes grupos, a partir da análise da linguagem utilizada. Um estudo internacional sobre a imprensa em língua inglesa em 2003 e 2004 mostrou cinco temas negativos relacionados com *asylum seekers* (requerentes de asilo): criminosos, ilegitimidade dos *asylum seekers*, ameaça à identidade local e nacional, ameaça económica e desvio social (Breen *et al.*, 2006). Um estudo australiano identificou três temas relacionados com refugiados: crise humanitária, proteção de fronteiras e enfoque nos direitos humanos (Gale, 2004). Ainda noutro estudo dedicado à análise de conteúdo de *press releases* de 2001 e 2002 descrevia-se a forma negativa como o governo apresentava os *asylum seekers*, transformando termos como “ameaça” e “outro” em “ilegalidade” e “fardo” (Klocker e Dunn, 2003).

Em termos de análise dos *frames* ou enquadramento noticioso, Horsti (2007) investigou o caso dos *asylum seekers* na imprensa finlandesa em 2002 e chegou à conclusão de que se salientava o enquadramento de ilegalidade e de crime em detrimento do enquadramento humanitário. Por sua vez, Van Gorp (2005), aplicando uma metodologia de análise de conteúdo a oito jornais belgas, concluiu que se verificavam dois enquadramentos: o dos ‘requerentes de asilo político como vítimas inocentes’ e o dos ‘requerentes de asilo político enquanto intrusos’. Já em 2017, vieram a lume relatórios com análises comparatistas da cobertura da imprensa da «crise de refugiados» em vários países. Estes relatórios, quer elaborados por investigadores (Berry, Garcia-Blanco e Moore, 2015; Georgiou e Zaborowski, 2017), quer elaborados pelos próprios jornalistas (ICMPD, 2017), embora essencialmente descritivos, apontam para o destaque que este assunto teve nos media dos países em análise, para as variações nacionais e contextuais em termos de reportagem das migrações e para a oscilação nos termos utilizados para designar as pessoas em trânsito e ainda para a omissão das «vozes» dos próprios refugiados. Referem, igualmente, que a cobertura mediática «reflete parcialidade», que é «superficial, simplista e, muitas vezes, pouco precisa», mas que se esforça para apresentar uma «cobertura equilibrada» face às respostas políticas que mostram uma «mistura de pânico e preconceito face ao movimento das pessoas junto das respetivas fronteiras nacionais» (ICMPD, 2017, p. 3). De notar que Portugal e a imprensa portuguesa não são alvo de análise em nenhum dos relatórios citados.

Recorrendo a métodos de análise crítica de discurso, van Dijk, (1991, 2000) Baker *et al.* (2008), Wodak (2008) e Blinder e Allen (2016) investigaram os discursos da imprensa em Espanha, Reino Unido, Áustria, Grécia. Também Vieira (2015) produziu um estudo dedicado à representação dos imigrantes na imprensa italiana. Em geral, estes estudos concluíram que as representações dos migrantes são maioritariamente negativas, apresentando discursos relacionados com a ilegalidade, ilegitimidade, peso social e financeiro, sendo vistos como uma ameaça ao *status quo*.

Em Portugal, embora na última década tenha sido produzida uma ampla bibliografia sobre imigração, sobre políticas de imigração e sobre integração de imigrantes, e exista um conjunto de estudos relevantes publicados na primeira década do século XXI (por exemplo, Cunha et al, 2008; 2006 e 2004; Cádima e Figueiredo, 2003; Pires, 2002), verifica-se uma nítida falta de estudos recentes sobre a representação dos migrantes na imprensa e sobre a relação entre os media e a perceção pública destes grupos, com exceção do estudo de Torkington e Ribeiro (2019), vazio que justifica este estudo, uma vez que o impacto dos media na opinião pública sobre os migrantes já foi amplamente comprovado pelos estudos acima citados.

#### OS JORNAIS SELECIONADOS E A CONSTRUÇÃO DO CORPUS ESPECIALIZADO

Optou-se por fazer a recolha dos textos a partir dos portais *online* dos três jornais: os diários *CM* e *Público* e o semanário *Expresso*, tendo por base os dados do Netpanel da Marktest (2013) que indicavam que entre janeiro e junho de 2013 os sites noticiosos portugueses eram acedidos através de computadores pessoais por cerca de 81,6% do universo de pessoas com acesso à Internet em Portugal, sendo o *Público* o jornal com mais utilizadores únicos (2,6 milhões), seguido do *Expresso* com 2,5 milhões de utilizadores únicos e do *CM* com 2,2 milhões de utilizadores únicos (<http://netpanel.marktest.pt/>). Em termos editoriais, considerando as questões políticas, poderemos identificar o jornal *Público* como um jornal de esquerda moderado, o *Expresso* como moderado centro e o *CM* como de direita moderada, sendo que os respetivos alinhamentos políticos e a natureza específica dos jornais, em geral, não parece terem influenciado as representações e identidades dos grupos de pessoas em análise, especialmente após 2013, quando a crise do Mediterrâneo ganha impulso mediático.

Recorrendo aos termos de busca EMIGRANTE, EXPATRIADO, IMIGRANTE, MIGRANTE e REFUGIADO compilámos um corpus (corpus A) com os títulos de todas as notícias que apresentavam os termos de busca entre 1/01/2011 e 31/12/2015. Procedemos a esta recolha por duas razões: porque assim garantíamos que a notícia se centrava no assunto ‘migrantes’ e porque a prática de consulta de jornais *online* se faz sempre num primeiro (e por vezes, único) momento através da leitura dos títulos. Aliás, a leitura em ecrã é caracterizada por apresentar mais tempo em navegação, em deteção de palavras-chave, leituras únicas, leitura não-linear e mais seletiva, sendo muito menor o tempo despendido em leitura concentrada e profunda. (Liu, 2005). Dor (2003, p. 696) defende que os títulos das notícias têm a função de optimizadores de relevância, colocando o título da notícia na posição de negociador entre a história e o leitor. A arte de produzir títulos consiste na formulação de um enunciado que oferece ao leitor o rácio ótimo entre efeito de contexto e esforço de processamento (Dor, 2003, p. 716). Como vimos, os títulos sumariam a informação principal

de um texto e sinalizam o que é mais significativo para o jornalista ou para o jornal. São fundamentais porque definem a importância e relevância de macro-proposições específicas ou tópicos. Para além disto, também desempenham uma função temática importante: expressam o tópico mais importante da notícia e apresentam um papel significativo na estrutura de relevância do artigo (van Dijk, 1991). Simultaneamente, ao sinalizarem macro-tópicos a um nível mais elevado de abstração, apagam informação, implicando generalização e (re)construção de informação. Este processo é importante para a análise entre mãos, pois a macro-proposição do título guia o leitor para uma macro-estrutura temática específica, que poderá não corresponder ao conteúdo efetivo da notícia.

O facto de muitas pessoas hoje em dia utilizarem dispositivos móveis para acederem a textos curtos (como títulos de notícias) para aproveitarem o tempo «fragmentado» (Liu e Huang, 2016) é outra razão para se prestar especial atenção aos títulos. De acrescentar que no caso dos jornais *Expresso* e *Público* é necessário ser-se assinante do jornal para aceder à notícia completa, mas pode-se aceder aos títulos de forma livre. Podemos assim argumentar que os títulos são o caminho mais curto para aceder à história principal, uma vez que captam a atenção do leitor e resumem o conteúdo da história (Ifantidou, 2009). Embora seja possível alegar que muitas vezes os títulos não apresentam de facto o sumário da história, a verdade é que no caso dos títulos coligidos para este estudo, verificámos que regra geral cumprem com o papel de sintetizar o conteúdo do texto e, portanto, apresentam o potencial de criar o efeito de enquadramento temático, fundamental para guiar o leitor na construção de representações sociais (Torkington e Ribeiro, 2019).

Num segundo momento, coligimos todos os textos cujos títulos incluíam os termos publicados nos portais dos jornais online do *Expresso*, *Público* e *CM* entre 1/01/2015 e 31/12/2015 (corpus B), para proceder a uma análise detalhada da narrativa relacionada com as pessoas em trânsito, uma vez que este foi o ano em que o problema dos migrantes aumentou de visibilidade (ver Tabela 1).

Tabela 1. Número total de títulos compilados 2011-2015 (corpus A)

	2011	2012	2013	2014	2015	Total
emigrante(s)	106	114	97	122	181	620
expatriado(s)	26	21	25	36	39	147
migrante(s)	9	1	6	15	259	290
imigrante(s)	140	108	134	265	228	875
refugiado(s)	83	65	73	93	897	1208
Total	364	309	335	531	1590	3129

\* Uma vez que a quantidade de textos para o termo expatriado(s) era muito reduzida, os números incluem artigos nos quais o termo aparece no corpo do texto, mas não no título.

Ficámos, assim, com dois corpora: o corpus A (com 3129 artigos) relativo a cinco anos que contém que inclui apenas títulos com as palavras de busca e o corpus B (com 1565 artigos) relativo ao ano de 2015 com os textos completos. Esta opção de compilar dois corpora permitiu-nos observar a tendência de crescimento no número de notícias dedicadas à questão das pessoas em movimento e também nos permitiu perceber de forma longitudinal os diferentes contextos sociais em que são utilizadas. O corpus B (com os artigos de 2015) permitiu-nos analisar em maior

profundidade a conceptualização dos termos, a construção das identidades das pessoas em mobilidade, a substituição dos termos após agosto de 2015 e ainda o intercâmbio e fusão que se estabelece entre os termos. Tomámos a decisão de criar um corpus em que todos os textos são relevantes, em prejuízo de deixar de fora textos que também são relevantes, mas cujo título não continha as palavras de pesquisa. Na Tabela 1 apresentamos os números relativos aos títulos compilados entre 2011 e 2015 e na Tabela 2 apresentamos o número de artigos compilados por mês para o ano de 2015.

Tabela 2. Número de artigos compilados dos três jornais por mês (2015) (corpus B)

	Jan-Fev	Mar-Abr	Mai-Jun	Jul-Ago	Set-Out	Nov-Dez	Total
emigrante(s)	21	31	27	44	44	14	181
migrante(s)	6	16	44	79	76	38	259
imigrante(s)	20	38	65	60	30	15	228
refugiado(s)	12	25	44	66	540	210	897
Total	59	110	180	249	690	277	1565

Nota: O debate terminológico na imprensa internacional teve lugar em agosto de 2015.

Até ao final do ano de 2014 encontrámos apenas 31 artigos cujo título apresentava o lexema «migrante(s)». No ano de 2015 esse número sobe para 259. No entanto, a palavra «imigrante» mantém-se constante ao longo dos cinco anos, embora se verifique alguma quebra de 2014 para 2015, uma vez que a palavra passa a ser substituída quer pela palavra «migrante(s)», quer pela palavra «refugiado(s)».

Conforme observámos acima, embora a crise do Mediterrâneo date de antes de 2015, a imprensa portuguesa começa a dar-lhe atenção regular nesse ano, primeiro em maio, com a situação dos refugiados na Ásia e com alguns episódios situados no Mediterrâneo e de forma mais sistemática e frequente a partir de agosto. Em setembro, é possível observar o impacto do debate terminológico na frequência do termo REFUGIADO(S) que tem um aumento de 741% nesse mês, relativamente ao mês anterior.

## METODOLOGIA

Com base na análise crítica do discurso, aplicada para estudar a construção de representações e de identidades, do conhecimento e da interpretação através da linguagem e que oferece um enquadramento que permite a investigação social a partir de textos dos media, indo para além de análise de conteúdo ou análise quantitativa (Fairclough 1995; Wodak, 2008, p. 2), e dada a dimensão dos dois corpora (227 000 palavras) num primeiro momento abordámos os textos e os títulos a partir dos procedimentos da linguística de corpus (LC)<sup>2</sup>, com recurso à ferramenta de análise WordSmith 6.0 (Scott, 2012), que permite analisar grandes quantidades de texto e verificar padrões e

2. A linguística de corpus consiste no estudo da linguagem através de um corpus de enunciados ou textos produzidos em contexto natural e compilados para responder a determinado objetivo de investigação. A análise pressupõe o recurso a programas de software especializados, neste caso recorreu-se ao WordSmith 6.0, e permite analisar grandes quantidades de texto de forma quantitativa e qualitativa.

características que não são imediatamente detetáveis a olho nu (Gabrielatos e Baker, 2008; Baker *et al.*, 2008, KhosraviNik, 2009). Num segundo momento procedemos à análise manual dos títulos. Iniciámos a nossa pesquisa pelos textos completos (corpus de 2015) procurando perceber se havia alguma distinção nas colocações dos termos. Em seguida, passámos à análise dos títulos dos artigos recolhidos, procurando compreender as representações discursivas de cada um dos cinco termos. Por fim, focámo-nos na respetiva representação e na possível justaposição, ou até mesmo sobreposição, de significados e nos tópicos e assuntos de enquadramento dos termos nos títulos.

## ANÁLISE DOS CORPORA

### Corpus B: 2015

Analisámos as colocações das 150 palavras lexicais (i.e. palavras com carga semântica, o que exclui palavras gramaticais como artigos ou preposições) mais frequentes. Colocações são palavras que surgem próximas umas das outras com maior frequência do que aconteceria se fosse apenas coincidência, apresentando uma relação estatisticamente significativa, o que permite apurar relações entre palavras e alcançar significados que não seriam possíveis em estudos sem a aplicação desta técnica (Baker, 2006, pp. 95-96). Na Tabela 3 apresentamos por ordem alfabética as colocações mais relevantes para cada termo, a partir das 150 palavras lexicais mais frequentes para cada termo. Não aplicámos o mesmo procedimento para o termo EXPATRIADO, uma vez que a quantidade de títulos e de textos era reduzida.

Tabela 3. Colocações mais frequentes de EMIGRANTES, IMIGRANTES, MIGRANTES e REFUGIADOS

Termo e número ocorrências nos textos	Colocações mais frequentes
EMIGRANTE(S)	burlados; clientes; desempregados; detentores; filhos; geração; grupo; lesados; mil; perfil; permanentes; porta-vozes; portugueses; registados; residentes; titulares; transportados
IMIGRANTE(S)	afegãos; africanos; centenas; clandestinos; comunidades; crianças; desaparecidos; económicos; encontrados; fluxo; grupo; ilegais; ilegal; jovens; migrantes; mil; milhares; mortos; muitos; número; recebidos; refugiados; resgatados; sírios; socorridos; sul-africanos; traficantes
MIGRANTE(S)	abandonado; afluxo; africanos; clandestinos; concentrados; corpos; desaparecidos; dezenas; económicos; eritreus; fluxo; grupo; ilegais; imigrantes; milhão; milhares; mortos; número; pessoas; refugiados; registados; resgatados; Rohingya; terroristas; vaga
REFUGIADO(S)	acolhidos; candidatos; centenas; dezenas; económicos; eritreus; fluxo; iraquianos; migrantes; mil; milhares; milhões; pessoas; provenientes; registados; resgatados; sírios; somalis

Estes procedimentos de LC permitem retirar alguns resultados iniciais. Confirmámos que a construção do termo EMIGRANTE é totalmente distinta da dos outros três termos e dela daremos conta mais abaixo. Em relação aos termos IMIGRANTE, MIGRANTE e REFUGIADO observámos

algumas semelhanças. Por exemplo, os jornais atribuem-lhes origem geográfica e nacional (afegãos, africanos, sírios, eritreus, etc), estão particularmente centrados nos números que chegam à Europa (dezenas, centenas, mil, milhares, milhão, muitos), chegam em grupos, e os termos muitas das vezes parecem ser intermutáveis uma vez que IMIGRANTE é colocação de MIGRANTE e vice-versa. Como diferenças assinaláveis, observamos que a representação de REFUGIADO está mais centrada no processo após a chegada das pessoas vivas e que se reveste de uma carga mais humanitária (acolhidos, candidatos [a asilo], registados e resgatados) enquanto que IMIGRANTE e MIGRANTE aparecem com colocações que implicam (quase) perecimento (desaparecidos, mortos, socorridos, corpos). As palavras que implicam uma representação negativa (clandestinos, ilegais) só surgem colocadas com IMIGRANTES e MIGRANTES, e o substantivo ‘terroristas’ também só aparece colocado com MIGRANTE, sendo que a palavra ‘económicos’ – de carga semântica mais neutra – surge colocada com os três termos. Por fim, os substantivos que implicam movimento de chegada em grande número - afluxo, fluxo e vaga – aparecem com os três termos, embora não se verifiquem em número significativo, ao contrário do que acontece com alguma imprensa internacional que apresenta colocações fortemente negativas (Baker *et al*, 2008).

Em segundo lugar, investigámos os clusters de palavras (ou seja, grupos de palavras que surgem pela mesma sequência ao longo do corpus) mais frequentes para os textos coligidos a partir do termo de pesquisa «migrante(s)» e fez-se o mesmo para os textos coligidos a partir do termo «refugiado(s)» (Tabela 4). Verificou-se que os clusters são praticamente idênticos e que em termos absolutos ocorrem com quase a mesma frequência, embora o conjunto de textos coligidos a partir do termo REFUGIADO fosse substancialmente maior (ver Tabelas 1 e 2). De facto, podemos afirmar que os termos MIGRANTE e REFUGIADO surgem com a mesma representação discursiva. Verificamos, igualmente que, mesmo quando o título do artigo apenas referia um dos termos, a verdade é que no corpo do texto os dois termos apareciam indiferenciadamente, apontando para a sobreposição conceptual dos dois termos. Ou seja, nos textos recolhidos a representação dos migrantes é semelhante à representação dos refugiados.

Tabela 4. Clusters de palavras para os subcorpora MIGRANTE(S) e REFUGIADO(S)

REFUGIADOS Cluster	Freq.	MIGRANTES Cluster	Freq.
MIGRANTES E REFUGIADOS	158	MIGRANTES E REFUGIADOS	158
REFUGIADOS E MIGRANTES	91	REFUGIADOS E MIGRANTES	90
MILHARES DE REFUGIADOS	56	MILHARES DE REFUGIADOS	83
CRISE DE REFUGIADOS	39	CRISE DE REFUGIADOS	40
NÚMERO DE REFUGIADOS	32	NÚMERO DE REFUGIADOS	28
FLUXO DE REFUGIADOS	28	FLUXO DE REFUGIADOS	42
CENTENAS DE REFUGIADOS	20	CENTENAS DE REFUGIADOS	53
REFUGIADOS CHEGARAM	14	REFUGIADOS CHEGARAM	24
REFUGIADOS ENTRARAM EM	14	REFUGIADOS ENTRARAM EM	22

### **Corpus A: títulos 2011-2015**

Em seguida, e partindo do pressuposto de que os títulos apresentam a maior parte dos discursos temáticos que são depois expandidos nos textos e que apresentam um quadro relativamente fiel das realizações linguísticas ativadas pelo tema «crise do Mediterrâneo», definimos três eixos de análise para a exploração dos títulos: (1) segurança (enfoque na chegada e entrada dos migrantes e no reforço da segurança dos países de chegada); (2) crise humanitária (enfoque nas condições da travessia, mortes e de acolhimento); e (3) atores sociais e vozes, ou seja, quem fala por e sobre as pessoas, migrantes e refugiados. A partir de cada um destes eixos definimos categorias em função do enquadramento temático para cada um dos termos em análise, mantendo o objetivo final de chegarmos às representações e identidades veiculadas pelos jornais para cada um dos termos. A Tabela 5 exemplifica a organização dos tópicos que enquadram os termos IMIGRANTES e MIGRANTES. As categorias 1, 2 e 3 integram-se no eixo (1) segurança; as categorias 4, 5, 6 e 7 integram-se no eixo (2) crise humanitária e a categoria 9 pertence ao eixo (3) atores sociais e vozes, embora, e naturalmente, este eixo também possa ser analisado a partir dos títulos que integram as outras categorias.

Como prioridade, centrámo-nos nas escolhas lexicais para designar os grupos de pessoas em trânsito e na colocação de qualificativos (nominalização e predicação). Em seguida, focámo-nos no ponto de vista adotado para falar sobre eles, ou seja, o seu posicionamento (van Leeuwen, 1996), explorando quem são os atores e que agência detêm. Outro aspeto de relevo que explorámos foi a quem era dada voz, ou seja, as fontes citadas e que espaço de ação é dado às próprias pessoas. O enfoque neste tipo de estruturas discursivas permitiu identificar representações estereotipadas dos EMIGRANTES, EXPATRIADOS MIGRANTES, REFUGIADOS e IMIGRANTES, e os padrões de ações e de papéis que lhes são atribuídos a nível internacional e a nível nacional.

### **Representações dos expatriados e dos emigrantes**

O portal Ciberdúvidas da Língua Portuguesa define o expatriado como aquele que «sai da sua pátria por imposição do poder» enquanto que «o emigrante geralmente sai do seu país para melhorar as condições de vida, embora possam existir outros fatores». E acrescenta que «a grande diferença resume-se a isto: a vontade do expatriado regra geral não conta, enquanto a do emigrante é que determina a ação de sair ou não do seu país.» (Carlos Marinheiro, Ciberdúvidas da língua portuguesa, 4/05/2001). Contudo, não se verifica esta conceptualização do termo EXPATRIADO no corpus analisado.

Nos anos de 2011 a 2013, o termo é utilizado para fazer referência a ocidentais não portugueses residentes em países em desenvolvimento (África, Ásia, América do Sul) que são profissionais qualificados ou com desafogo económico e que trabalham em multinacionais, nas áreas da engenharia civil, medicina e direito. Também surgem referências aos expatriados (estrangeiros) que vivem em Portugal. Estes ‘expatriados’ são representados de forma muito semelhante à descrita acima para outras zonas do globo: são desafogados economicamente, trabalham para multinacionais e detêm qualificações de nível superior. Os portugueses expatriados são os que trabalham em Angola, Moçambique ou Brasil em empresas portuguesas, em áreas iguais às anteriormente

referidas. Nos anos 2014 e 2015, os expatriados são jovens, altamente qualificados a trabalhar temporariamente no estrangeiro e ainda jovens artistas, escritores e atores. Encontramos igualmente referência aos expatriados urbanos que habitam as grandes cidades internacionais associados ao custo de vida nessas cidades. Aparecem ainda algumas referências a expatriados expulsos do país onde residem, a maior parte das vezes associados a exilados políticos ou intelectuais. Por fim, os jogadores de futebol portugueses também são expatriados a viver no estrangeiro. Ou seja, a construção identitária do expatriado é a de privilégio e de bem-estar material e cultural, indica uma classe e um estatuto social elevados, com grande mobilidade geográfica e social, evocando relações de poder pós-coloniais. Verifica-se, em geral, uma representação bastante distinta das definições avançadas pelos dicionários, nas quais não se confirma a ideia de «pessoa que foi obrigada a deixar a sua pátria» ou do «indivíduo que sofreu a pena de exílio ou expatriação».<sup>3</sup>

Esta(s) identidade(s) dos expatriados contrasta vincadamente com a dos emigrantes, cuja identidade é construída de forma mais fixa e permanente. Os emigrantes são aqueles que saíram de Portugal para residir no estrangeiro até ao final da vida ou aqueles que voltaram para Portugal após uma longa ausência. São apresentados como um grupo social grande, com frequente referência a números – «*Mais de dois milhões de portugueses emigrantes em 2013*» (*Público*, 19.07.2015) e como um grupo com ligações sempre muito próximas com Portugal, «*Emigrantes portugueses apoiam seleção em França*» (*CM*, 11.10.2014). Genericamente, a representação é positiva, pois são trabalhadores árduos, que mantêm a boa reputação de Portugal e que contribuem para o país: «*Portugal não ganhava tanto dinheiro com emigrantes desde o início do século*» (*Público*, 11.06.2015). Verifica-se que muitos artigos se dedicam aos emigrantes e respetivas remessas e ainda às festas de verão, muito concorridas por este grupo. Em 2015, publicaram-se diversas notícias referentes ao problema do Banco Espírito Santo, sendo o grupo designado como ‘os lesados do BES’. No entanto, quando o emigrante é singularizado surge associado a crimes, enquanto vítima, mas também enquanto criminoso. Nestas representações, muitas vezes a categorização de ‘emigrante’ é utilizada de forma livre, uma vez que em muitos casos estamos perante alguém que já retornou a Portugal há vários anos.

De mencionar ainda que alguns títulos recorrem ao termo EMIGRANTE quando se estão a referir às pessoas no contexto da crise do mediterrâneo; o *CM* por exemplo, escreve «*Navio à deriva com 450 emigrantes a bordo*» (1.01.2015) e o *Expresso* também apresenta o seguinte título uns meses depois: «*Mais de 4200 emigrantes resgatados no Mediterrâneo na sexta-feira*» (30.05.2015). Embora esta utilização seja pouco frequente, nota-se alguma ambivalência na perspetiva adotada: quando são *emigrantes* saem do seu país de origem (e do ponto de vista da representação, ficam mais próximos dos emigrantes portugueses), quando são *imigrantes*, entram noutra país, evocando identidades semelhantes às dos imigrantes que têm chegado a Portugal desde a década de oitenta do século XX.

3. Num inquérito que aplicámos a 60 estudantes do ensino superior, com idades compreendidas entre os 18 e os 49 anos, no qual solicitávamos aos respondentes para associar até cinco expressões ou palavras aos termos EMIGRANTE, EXPATRIADO, MIGRANTE, IMIGRANTE, REFUGIADO, verificámos que os respondentes mostraram dificuldade em produzir associações com o termo EXPATRIADO e, curiosamente, dos cinco termos este foi único que suscitou palavras e expressões associadas ao adjetivo ilegal, nomeadamente, fora-da-lei; clandestino, crime, sentença, expulso, fugido, desonra, assalto, prisão.

## Representações dos imigrantes e migrantes

Considerámos pertinente agrupar os termos IMIGRANTE e MIGRANTE porque o termo MIGRANTE na língua portuguesa não é usualmente utilizado na linguagem comum, como podemos comprovar pela sua rara utilização até abril/maio 2015 (ver Tabelas 1 e 2). Embora tenhamos encontrado a definição em dicionários de língua portuguesa<sup>4</sup> respeitante aos movimentos de pessoas, a definição mais comum reporta-se às migrações de animais.<sup>5</sup> Adicionalmente, quando o termo começa a surgir com maior frequência nos jornais em análise, verificámos que a sua construção discursiva é muito próxima da do termo IMIGRANTE.

A representação de IMIGRANTE pode ser dividida em dois períodos no nosso corpus: o primeiro até 2013 e o segundo a partir de meados de 2013, quando o termo «imigrante» sofre uma alteração de representação significativa. No primeiro período, aparecem com alguma frequência as colocações de «imigrantes ilegais» e «imigrantes clandestinos» e grande número dos títulos focam imigrantes em Portugal que cometem crimes ou que estão envolvidos em crimes. O *CM*, por exemplo, centra-se em crimes relacionados com violência sexual, abuso e redes ilegais de imigração. Embora em várias ocasiões o estatuto de imigrante não pareça ser pertinente para os eventos narrados, e.g. «*Imigrante violou menor e foi solto*» (*CM*, 9.05.2012), a verdade é que esse estatuto é realçado. A partir da segunda metade de 2013, os jornais começam a focar-se nas dificuldades, vulnerabilidade e discriminação que os imigrantes sentem, não só a nível nacional – «*Discriminação de imigrantes no mercado laboral “é invisível”*» (*Público*, 11.06.2015) e «*Empresários detidos por exploração de imigrantes em Coimbra*» (*Público*, 28.04.2015) –, como também a nível internacional. Contudo, o enfoque passa a centrar-se fundamentalmente nos «imigrantes» – apresentados como grupo – que chegam a Itália e a Medilla («*Itália coordena o resgate de 850 imigrantes*» [*CM*, 23.12.2015]). De notar que até 2013, a descrição de imigrantes em Portugal envolvidos em atos violentos ou até criminosos é normalmente individualizada e a responsabilidade desses atos é colocada no próprio imigrante. Pelo contrário, na descrição de eventos envolvendo «imigrantes» noutros países, o enfoque passa a ser entidades oficiais e a população local com realce nas características xenófobas das outras nações.

A partir de 2013 para o termo IMIGRANTE e de abril de 2015 para o termo MIGRANTE, e no âmbito do eixo de análise “crise humanitária”, encontramos discursos que revelam uma preocupação generalizada pelo bem-estar das pessoas em movimento, com o enfoque na tragédia humana no número de mortes e nas terríveis condições que as pessoas atravessam:

---

4. «Pessoa que muda de um país para outro, para aí se estabelecer, pessoa que participa numa migração, que migra». Para a compilação das definições foram consultados quatro dicionários: *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa*, Editora Verbo, 2001; *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*. Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa. Lisboa, Temas e Debates, 2003; *Priberam: dicionário online* e *Michaelis online*.

5. Num inquérito que aplicámos a 60 estudantes do ensino superior, no qual solicitávamos aos respondentes para associar até cinco expressões ou palavras aos termos EMIGRANTE, EXPATRIADO, MIGRANTE, IMIGRANTE e REFUGIADO, confirmámos a dificuldade dos inquiridos em associar termos, sendo algumas das respostas «andorinha» e «ave».

*Migrantes “vistos como animais” (CM, 12.09.2015)*

*Líderes europeus reconhecem erro e mudam de estratégia para salvar imigrantes (Público, 22.04.2015).*

No âmbito do eixo “segurança” observa-se a representação de alguns países e da Europa (em geral) que procuram travar a entrada das pessoas e a ênfase é colocado em excertos de declarações proferidas por líderes europeus. Quando os jornais portugueses começam finalmente a utilizar o termo «migrante» (abril/maio de 2015), lemos alguns artigos de opinião que discutem os conceitos de «migrantes e refugiados» e que apelam à posição unida da Europa para a sua proteção:

*Migrantes: os “nossos” e os “outros” (textitExpresso, 14.08.2015)*

*Europa tem de “deixar de se comover e de começar a mover-se” por migrantes e refugiados (Expresso, 30.08.2015).*

Contudo, continua a verificar-se alguma confusão na distinção dos dois termos. Enquanto a imprensa estrangeira reproduz o debate iniciado pela Al-Jazeera e reflete sobre a distinção entre migrantes e refugiados, o *Público*, por exemplo, publica o seguinte título: *Perguntas e respostas: São imigrantes, refugiados? (Público, 28.08.2015).*

Em relação ao termo IMIGRANTE, em 2014 e 2015, os três jornais concentram-se nos seguintes temas: resgates, mortes e redes de traficantes; questões sobre a entrada na Europa e deportações; o posicionamento negativo e positivo dos líderes europeus face à entrada das pessoas em território europeu, e também as manifestações de solidariedade das populações locais e de instituições internacionais como a Igreja católica, clubes de futebol e ONG.

Outro tema recorrente é a posição (muito) positiva de Portugal, do governo e dos portugueses face às pessoas em trânsito e ao seu acolhimento que, de certa forma, é reforçada pela preocupação em denunciar os problemas enfrentados em termos legais, institucionais ou laborais. Adicionalmente, há também alguns artigos dedicados aos impactos socio-económicos da chegada dos refugiados; a representação destes impactos é normalmente positiva:

*Imigrantes podem ser a chave para regresso de portugueses a zonas desertificadas (Expresso, 25.05.2011)*

*Para compensar o envelhecimento, países ricos devem abrir portas aos imigrantes (Público, 7.10.2015).*

No *CM* encontrámos somente referência a este tema no contexto europeu e não no contexto nacional. Em relação ao termo MIGRANTE, os títulos concentram-se, sobretudo, no tema do sofrimento e tragédia humana. Praticamente todos os títulos adotam o ponto de vista das entidades oficiais (governos, governantes, polícia, GNR, SEF, Papa, representantes oficiais das equipas de resgate), dando voz aos atores sociais com poder na esfera pública; as pessoas – imigrantes e migrantes – são entidades anónimas e plurais. Encontrámos apenas um total de 28 títulos (3,2%) que adotavam o ponto de vista das pessoas em movimento, individualizando-os e abrindo espaço para a sua voz ser ouvida (lida). Contudo, ainda assim, 16 destes títulos são anteriores a 2014 e, no caso destes artigos mais antigos a individualização que operam é para realçar o imigrante como o «outro», que comete ilegalidades, é criminoso – *Imigrante esfaqueia namorado cabeleiri-*

*reiro* (CM, 2.04.2011) – ou tem problemas característicos do «outro»: *Imigrante tuberculoso em Pombal poderá ir para Caxias* (Público, 25.10.2012) (ver Tabela 5, com mais exemplos).

### Representações dos refugiados

Em termos dos títulos e textos recolhidos, o termo REFUGIADO apenas ganha verdadeira expressão em setembro de 2015, após o debate terminológico acima descrito, altura em que se verifica um aumento de mais de 700% relativo ao mês anterior. Este aumento pode ser explicado por duas razões: por um lado, a ‘crise de refugiados do Mediterrâneo’ ganha enorme projeção mediática após a publicação da fotografia da criança síria de três anos sem vida à beira mar; por outro lado, o debate terminológico reorienta o aumento da utilização deste termo, em detrimento do termo IMIGRANTE (muito mais comum nos media portugueses) e do termo MIGRANTE (de uso pouco comum na língua portuguesa) conforme acima descrito.

Os temas apresentados pelos títulos são vários e relativamente semelhantes aos que identificámos para IMIGRANTES e MIGRANTES com proeminência de aspetos ligados à reação de Portugal face aos refugiados (20%), países europeus individualmente referidos (16%), problema de refugiados noutras partes do globo (10%), crise de refugiados na Síria (10,8%), posição da União Europeia (7,9%), apelos da ACNUR/ONU/Amnistia Internacional (5%), salvamentos e mortes (5%), histórias de vida (4,9%), confrontos raciais, lutas e discriminação (4,3%), apoio e solidariedade da sociedade civil (através de concertos, jogos de futebol, etc.) (4,0%), igreja católica (intervensões do Papa, cardeais e bispos) (2,7%) e ainda referência a custos financeiros suportados pelos países ou União Europeia para promover o acolhimento (2,4%).

Por conseguinte, os principais atores sociais destes títulos são chefes de estado, chefes de organizações internacionais e a igreja católica. O termo REFUGIADO aparece como sujeito gramatical em apenas 16% dos títulos e mesmo nessas circunstâncias está ligado às questões de proveniência/trânsito/destino:

*Mais de um milhão de refugiados chegaram à Europa este ano* (Expresso, 22.12.2015)

*Mil refugiados atravessaram a fronteira austro-húngara na última noite* (Expresso, 6.12.2015)

*Refugiados não podem escolher país onde pedir asilo, diz a Alemanha* (Público, 13.09.2015)

Nos mais de 1200 títulos compilados destaca-se o facto de 1/5 fazerem referência a números: número de refugiados que chegam, que estão em trânsito, que são resgatados dos barcos, que esperam nos campos.

Outro aspeto interessante e que se liga ao que já dissemos acima sobre a tolerância da sociedade portuguesa face a estas pessoas é o facto de apenas 11 títulos (0,1% do total dos títulos recolhidos) fazerem referência ao terrorismo ou (não) estabelecerem ligações entre os refugiados e os grupos terroristas:

*Nem um só refugiado envolvido em terrorismo nos EUA* (Público, 25.11.2015).

*ISIS chega à UE com refugiados* (CM, 18.05.2015).

Denota-se uma utilização mais neutra da linguagem e os verbos de ação «chegaram», «entraram» recorrentes nos subcorpora dos migrantes e imigrantes passam a ser substituídos pelos

verbos «acolheram» e «foram acolhidos», «planeiam acolher/receber». Um aspeto novo, que não aparecia referido nos outros subcorpora, é a referência aos valores monetários que os refugiados «custarão» à União Europeia, governos europeus e outras organizações. Encontramos 18 referências a quantias, das quais 14 foram publicadas após 2/09/2015.

Muitos dos estudos sobre a construção discursiva de imigrantes, migrantes e refugiados centram-se nos adjetivos que criam uma representação negativa, colocados antes ou após os substantivos. Constatámos que os termos ILEGAL(AIS), CLANDESTINO(S) e INDOCUMENTADO(S) – na forma de adjetivos («*GNR detetou 165 imigrantes ilegais na operação Minerva*», *CM*, 11.09.2015) ou de substantivos («*Ilegais a caminho do eldorado europeu*», *Expresso*, 17.03.2011) – aparecem 126 vezes nos títulos recolhidos a partir do termo de busca IMIGRANTE e cinco vezes a partir do termo de busca MIGRANTE. Conforme observamos acima, esta redução deve-se ao facto de o termo MIGRANTE começar a ser usado apenas a partir de abril 2015, altura em que o problema passa de se centrar no eixo da segurança para o eixo da crise humanitária. Curiosamente, a 20.04.2015 o *Expresso* publica um artigo intitulado «*Não há imigrantes ilegais*», mas em maio, agosto e setembro do mesmo ano o mesmo jornal continua a publicar títulos onde aparecem estes termos. No jornal *Público* após agosto de 2014, não encontramos títulos com estes termos, mas continuam a surgir títulos que estabelecem o paralelismo entre ‘imigrantes e refugiados’, em vez da associação mais comum utilizada nos media anglo-saxónicos ‘migrantes e refugiados’.

Uma outra característica, já sublinhada noutros estudos (Blinder & Allen 2016; Baker *et al.*, 2008), é a ênfase nos números: número de pessoas resgatadas «*Mais de 1500 migrantes foram resgatados no Mediterrâneo*», (*CM*, 3.12.2015), número de pessoas a chegar à Europa «*Pela primeira vez, a UE recebeu mais de 100 mil imigrantes num mês*» (*Público*, 19.08.2015), número de euros despendido «*União Europeia dá €3000 milhões à Turquia para travar fluxo de migrantes*» (*Expresso*, 16.10.2015). Este realce nos números tem como resultado a construção de sentimentos de insegurança e de medo por parte das populações dos países de acolhimento (Georgiou e Zaborowski, 2017, p. 7) e ainda a anonimização das pessoas que chegam (reduzidas a números) e distanciamento e criação de barreiras entre os dois grupos: os que acolhem e os que chegam. Na verdade, esta representação exagerada de ‘fluxos’, ‘influxos’ e ‘ondas’ de imigrantes, migrantes e refugiados em números vai além da proporção real que estes grupos representam no total da população dos países da União Europeia (1,5 milhões de imigrantes em 2016, de acordo com o Eurostat, 10/07/2017), e atribuem uma importância desajustada aos números em detrimento de representações mais realistas dos acontecimentos.

Tabela 5. Temas principais nos subcorpora IMIGRANTES e MIGRANTES

Tema	Títulos ilustrativos
1. Resgates, mortes, horrores, redes de traficantes	1.1 «Mais de 1500 migrantes foram resgatados no Mediterrâneo» ( <i>CM</i> , 3.12.2015) 1.2 «Quinze imigrantes em hipotermia encontrados em camião frigorífico» ( <i>Expresso</i> , 3.11.2015) 1.3 «Passadores terão provocado a morte a cerca de 500 imigrantes no Mediterrâneo» ( <i>Público</i> , 15.09.2014)
2. Fronteiras, entrada na Europa, impedir passagem	2.1 «Vaga de centenas de imigrantes ilegais transborda em Melilla e Ceuta» ( <i>Público</i> , 17.09.2013) 2.2 «França bloqueou comboios italianos para travar imigrantes» ( <i>Público</i> , 18.04.2011) 2.3 «Imigrantes 'assaltam' Espanha» ( <i>Expresso</i> , 5.11.2013) 2.4 «1700 imigrantes impedidos de chegar ao eurotúnel» ( <i>CM</i> , 3.08.2015)
3. Perspetiva negativa de líderes e de países europeus face aos imigrantes	3.1 «Viktor Orban: Europa foi "inundada" por imigrantes» ( <i>CM</i> , 21.09.2015) 3.2 «Site anti-imigrantes envergonha a Holanda» ( <i>Expresso</i> , 14.02.2012) 3.3 «União Europeia quer pagar para África não deixar sair imigrantes» ( <i>Público</i> , 11.11.2015)
4. Protestos e manifestações da população em defesa dos imigrantes	4.1 «Protesto em Berlim pelos imigrantes mortos no Mediterrâneo» ( <i>CM</i> , 21.06.2015) 4.2 «Imigrantes indocumentados cosem os lábios em protesto contra detenção em Nauru» ( <i>Expresso</i> , 25.02.2013) 4.3 «Estudantes franceses na rua contra a expulsão de uma imigrante cigana» ( <i>Público</i> , 17.10.2013)
5. Posição da Igreja católica e das ONG	5.1 «Papa Francisco: "Hoje é dia de lágrimas" pelos imigrantes que morreram em Lampedusa» ( <i>Público</i> , 4.10.2013) 5.2 «Human Rights Watch denuncia maus tratos policiais contra os imigrantes em Calais» ( <i>Expresso</i> , 20.01.2015) 5.3 «Obra Católica de Migrações reclama estatuto de refugiados para imigrantes ilegais» ( <i>CM</i> , 3.01.2015)
6. Perspetiva positiva de líderes e de europeus e da União Europeia	6.1 «Países querem combater exploração de imigrantes», ( <i>CM</i> , 28.04.2015) 6.2 «Líderes europeus reconhecem erro e mudam de estratégia para salvar imigrantes» ( <i>Público</i> , 22.04.2015)
7. Portugal e os portugueses em defesa dos imigrantes	7.1 «Portugal é o segundo país na integração de imigrantes» ( <i>Público</i> , 1.03.2011) 7.2 «Passos oferece "mais acolhimento e mais resposta" a imigrantes» ( <i>Expresso</i> , 7.06.2015) 7.3 «Imigrantes a viver na Mouraria, em Lisboa, integrados como guias locais» ( <i>CM</i> , 12.12.2004) 7.4 «Portugal é dos que mais reconhece importância dos imigrantes» ( <i>CM</i> , 6.12.2011)

8. Dificuldades dos imigrantes em termos legais, institucionais ou laborais	8.1 «Imigrantes enfrentam barreiras no acesso à saúde por inércia dos serviços» ( <i>Público</i> , 4.08.2015)
	8.2 «Dezenas de imigrantes romenos enganados no Alentejo» ( <i>Expresso</i> , 12.11.2013)
9. Perspetiva dos imigrantes (histórias e experiências dos próprios imigrantes)	9.1 «Sonhos de imigrantes numa cozinha que está aberta 24 horas por dia» ( <i>Público</i> , 17.08.2015)
	9.2 «Como José, Salomão e Andriy integraram-se e abriram negócios» ( <i>Expresso</i> , 8.12.2011)
	9.3 «Imigrante esfaqueia namorado cabeleireiro» ( <i>CM</i> , 2.04.2011)
10. Impactos socio-económicos (números, trabalhadores, remessas, etc)	10.1 «Europa gastou 11,3 mil ME a deportar imigrantes desde 2000» ( <i>CM</i> , 18.06.2015)
	10.2 «Segurança Social: Imigrantes contribuíram com mais de 300 ME em 2010 – investigador» ( <i>Expresso</i> , 29.05.2012)
	10.3 «Para compensar o envelhecimento, países ricos devem abrir portas aos imigrantes» ( <i>Público</i> , 7.10.2015)

## CONCLUSÕES

Este estudo explora a construção das identidades e representações sociais dos diferentes tipos de pessoas em movimento que as edições *online* dos jornais *CM*, *Expresso* e *Público* apresentam. Entre abril e dezembro de 2015, o contexto específico da crise do Mediterrâneo despoletou a atenção da opinião pública europeia e nacional e constituiu-se um objeto de estudo particularmente rico de exemplos e de mudanças lexicais, nomeadamente o recurso ao termo MIGRANTE. Como forma de verificar a consistência e as alterações destas utilizações, analisámos os títulos publicados no período de 2011-2015 para podermos aferir a evolução e as eventuais alterações semânticas e conceptuais dos termos em análise. Conforme anunciámos na introdução, não se trata de uma questão meramente terminológica ou linguística, pelo contrário e conforme pudemos verificar através da análise, a escolha do termo IMIGRANTE ou do termo REFUGIADO, bem como as respetivas colocações (ilegais, clandestinos, económicos, fluxo, onda) implicam uma perspetiva ideológica distinta, embora possam ser resultado de uma aplicação pouco rigorosa ou pouco atenta dos critérios editoriais do jornal ou até possam resultar da replicação do uso comum que os falantes de língua portuguesa fazem dos termos.

Começando pelo primeiro par de termos analisado, os resultados demonstram uma representação muito mais positiva do termo EXPATRIADO do que do termo EMIGRANTE, havendo uma clara demarcação do expatriado como não-emigrante, embora esta distinção não corresponda aos conceitos dicionarizados, nem, aliás, corresponda às representações dos utilizadores da língua portuguesa (ver nota 2). Quanto ao termo IMIGRANTE, observam-se representações diferentes antes de e depois de 2013. O segundo período nitidamente marcado pela importância mediática que o tema vai ganhando internacionalmente e que se traduz numa maior benevolência no seu tratamento a partir de 2014. Verificámos que o termo MIGRANTE só começa a ser utilizado com maior frequência a partir de abril/maio de 2015, embora em paralelo com o termo IMIGRANTE e denotasse alguma falta de precisão na utilização de ambos os termos, bem como do termo REFUGIADO.

Mesmo os (poucos) artigos de opinião dedicados à questão terminológica ou à questão do acolhimento das pessoas parecem reproduzir o debate internacional de uma perspectiva relativamente vaga, se bem que positiva para as pessoas em trânsito. Deste modo, verificamos que nos jornais portugueses em estudo, os termos IMIGRANTE e MIGRANTE apresentam uma representação similar, mas o termo REFUGIADO apresenta um uso discursivo mais próximo do que os dicionários e Glossário (2009) propõem.

No que toca aos temas discutidos, verificamos uma clara reprodução dos tópicos internacionais mais proeminentes e a sua topicalização reproduz o acompanhamento diário dos “outros” – pessoas que “são resgatadas” e que “chegam às portas da Europa”.

Dentro dos eixos de análise (1) segurança e (2) crise humanitária, detetámos a construção bipolar do “nós” e do “outro”. No primeiro polo, representando o segundo eixo de análise, observamos um “nós” muito inclusivo (Portugal, portugueses, governo/estado português) e um “nós” menos inclusivo e por vezes menos positivo, que são os europeus (entidades políticas internacionais, sociedade civil) que lidam e se pronunciam sobre a “crise” e sobre os problemas de segurança das fronteiras. Contudo, denota-se alguma ambiguidade nesta representação positiva dos portugueses e de Portugal quando se verifica o enorme realce nos números de pessoas que chegam às fronteiras da Europa, pois esta ênfase provoca medo, ansiedade e incerteza. No segundo polo, e dentro do eixo (3) atores e vozes, observámos a construção do “outro”, anónimo, descaracterizado e sem voz.

De facto, os títulos e o respetivo corpo de notícia estão marcados pela impersonalização, pela infantilização e imagem estereotipada das pessoas em trânsito, que não têm voz no cenário dos acontecimentos. De notar que não se verificam distinções marcadas nas representações dos três grupos MIGRANTE, IMIGRANTE e REFUGIADO nos três jornais a partir de 2014, uma vez que os temas, realce, posicionamento dos atores sociais e ênfase nos números é semelhante. Os jornais portugueses ecoam as tendências eurocentradas dos media europeus, já analisados noutros contextos; ou seja, do ponto de vista linguístico, a representação dos grupos que chegam às fronteiras da União Europeia é tecida de forma passiva, maioritariamente através da desagencialização, ou seja, os atos são apresentados como independentes da ação humana (van Leeuwen, 2008, p. 66), reforçando relações de poder desequilibradas. Esta ausência de agente humano é linguisticamente acionada pelo uso das muitas construções passivas impessoais que encontramos em títulos como «*Refugiados recolocados pela UE chegaram a Portugal*» (*Expresso*, 17.12.2015), que de forma evidente não apresentam agente da ação.

Estas representações passivas e infantilizadas, a par de um aproveitamento dos jornais para recontextualizar a representação positiva de Portugal e dos portugueses, e em contraste com uma representação mais negativa de alguns países e governantes internacionais, ou seja, uma sobre-representação da generosidade dos portugueses em acolher as pessoas – que, aliás, acabou por se traduzir nuns escassos 1 786 pedidos de proteção internacional a Portugal entre 12/2016 e 06/2017 (Conselho Português para os Refugiados, <http://refugiados.net/1cpr/www/estatisticas-PT-20jun17.php>) – ecoa a aparente e enviesada necessidade de sinalizar o “nós = Portugueses” com características de generosidade e de bom acolhimento (se bem com contornos de assistencialismo) que fazem parte da construção discursiva da identidade coletiva do país, já notadas noutros estudos (Ribeiro, 2010).

## REFERÊNCIAS

- Baker, P. (2006). *Using Corpora in Discourse Analysis*. London: Continuum.
- Baker, P.; Gabrielatos, C.; Khosravini, M.; Krzyzanowski, M.; Mcenery, T. & Wodak, R. (2008). A useful methodological synergy? Combining critical discourse analysis and corpus linguistics to examine discourses of refugees and asylum seekers in the UK press. *Discourse & Society*, 19(3): 273-306. <https://doi.org/10.1177/0957926508088962>.
- Bednarek, M. (2006). *Evaluation in media discourse: analysis of a newspaper corpus*. London: Continuum.
- Berry, M.; Garcia-Blanco, I. & Moore, K. (2015). *Press Coverage of the Refugee and Migrant Crisis in the EU: A Content Analysis of Five European Countries*. Cardiff: Cardiff School of Journalism, Media and Cultural Studies.
- Blinder, S. & Allen, W. (2016). Constructing Immigrants: Portrayals of Migrant Groups in British National Newspapers, 2010-2012. *International Migration Review*, 50(1): 3-40. <https://doi.org/10.1111/imre.12206>.
- Bolsen, T. (2011). The construction of news: Energy crises advocacy messages, and frames toward conservation. *International Journal of Press/Politics*, 16(2): 143-162. <https://doi.org/10.1177/1940161210392782>.
- Breen, M.; Haynes, A. & Devereux, E. (2006). 'Fear, Framing and Foreigners: The Othering of Immigrants in the Irish Print Media'. *International Journal of Critical Psychology*, 16: 100-121.
- Cádima, F. & Figueiredo, A. (2003). *Representações (imagens) dos Imigrantes e Minorias Étnicas*. Lisboa: ACIME.
- Cunha, I.; Santos, C.; Filho, W. & Fortes, I. (2008). *Media, imigração e minorias étnicas 2005-2006*. Lisboa: ACIDI.
- Cunha, I. & Santos, C. (2006). *Media, Imigração e Minorias Étnicas II*. Lisboa: ACIME.
- Cunha, I.; Santos, C.; Silveirinha, M. & Peixoto, A. (2004). *Media, Imigração e Minorias Étnicas I*. Lisboa: ACIME.
- Dor, D. (2003). On newspaper headlines as relevance optimizers. *Journal of Pragmatics*, 35(5): 695-721.
- EUROSTAT (maio 2015). Migration and migrant population statistics. Disponível em . Consultado em 22.10.2018.
- EUROSTAT (março 2017). Migration and migrant population statistics, Disponível em [http://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php/Migration\\_and\\_migrant\\_population\\_statistics](http://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php/Migration_and_migrant_population_statistics). Consultado em 06.09.2017.
- EUROSTAT (julho 2017). First population estimates EU population up to almost 512 million at 1 January 2017 Increase driven by migration. Disponível em <http://ec.europa.eu/eurostat/documents/2995521/8102195/3-10072017-AP-EN.pdf/a61ce1ca-1efd-41df-86a2-bb495daabdab>. Consultado em 06.09.2017.

- Fairclough, N. (1995). *Media Discourse*. London: Hodder Arnold.
- Georgiou, M. & Zaborowski, R. (2017). *Media coverage of the “refugee crisis”: A cross European perspective*. Council of Europe report DG1(2017)03. Disponível em: <https://rm.coe.int/1680706b00>.
- Gabrielatos, C. & Baker, P. (2008). Fleeing, sneaking, flooding. A corpus analysis of discursive constructions of refugees and asylum seekers in UK Press, 1996-2005. *Journal of English Linguistics*, 36(1): 5-38. <https://doi.org/10.1177/0075424207311247>.
- Horsti, K. (2007). Asylum Seekers in the news: frames of illegality and control. *Observatório (Obs\*) Journal*, 1(1): 145-161.
- ICMPD – International Centre for Migration Policy Development (2017). How does the media on both sides of the Mediterranean report on Migration? A study by journalists, for journalists and policymakers. EUROMED Migration IV (EMM4, 2016-2019). European Union.
- Ifantidou, E. (2009). Newspaper headlines and relevance: Ad hoc concepts in ad hoc contexts. *Journal of Pragmatics*, 4: 699-720. <http://doi.org/10.1016/j.pragma.2008.10.016>.
- Johnson, S. & Ensslin, A. (2007). Language in the media: theory and practice. In S. Johnson & A. Ensslin (eds.), *Language in the Media: Representations, Identities and Ideologies* (pp. 3-22). London and New York: Continuum.
- Klocker, N., & Dunn, K. (2003). Who’s driving the asylum debate? Newspaper and government representations of asylum seekers. *Media International Australia*, 109(1): 71-93. <https://doi.org/10.1177/1329878X0310900109>.
- Khosravini, M. (2009). The representation of refugees, asylum seekers and immigrants in British Newspapers During the Balkan Conflict (1999) and the British General Election (2005). *Discourse and Society*, 20(4): 477-98. <https://doi.org/10.1177/0957926509104024>
- Liu, Z. (2005). Reading behavior in the digital environment: Changes in reading behavior over the past ten years. *Journal of Documentation*, 61(6): 700-712. <http://doi.org/10.1108/00220410510632040>
- Liu, Z. & Huang, X. (2016). Reading on the move: A study of reading behavior of undergraduate smartphone users in China. *Library & Information Science Research*, 38(3): 235-242. <https://doi.org/10.1016/j.lisr.2016.08.007>
- Oliveira, C. & Gomes, N. (2016). Indicadores de Integração de migrantes. *Relatório Estatístico Anual. Observatório das migrações*. Disponível em [www.acm.gov.pt/](http://www.acm.gov.pt/).
- Perruchoud, R. (ed.) (2009). *Glossário sobre migração. Direito Internacional sobre Migrações, n.º 22*. Genebra, Organização Internacional para as Migrações.
- Pires, S. (2002). A etnicização da imigração na imprensa portuguesa. *Antropológicas*, 6: 247-263.
- IOM/UNHCR (2009). *Manual do Professor: Não São Apenas Números Jogo de Ferramentas Educacional Sobre Migração e Asilo na Europa*. Bélgica. OIM/ACNUR.
- Ribeiro, F. (2010). *The discursive construction of Portuguese national identity in the media thirty years after the 1974 revolution*. Tese de Doutoramento, Lancaster, Department of Linguistics and English Language, Lancaster University, Reino Unido.

- Scott, M. (2012). *WordSmith Tools Version 6*. Stroud: Lexical Analysis Software.
- Torkington, K. & Ribeiro, F. (2019). What are these people: migrants, immigrants, refugees?: Migration-related terminology and representations in Portuguese digital press headlines. *Discourse, Context & Media*, 27: 22-31. DOI: 10.1016/j.dcm.2018.03.002
- van Dijk, T. A. (1988). *News as Discourse*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum.
- van Dijk, T. A. (1991). Media contents: The interdisciplinary study of news as discourse. In K. Bruhn-Jensen & N. Jankowski (eds.), *Handbook of Qualitative Methods in Mass Communication Research* (pp. 108-120). London: Routledge.
- van Dijk, T. (2000). Ideologies, Racism, Discourse: Debates on Immigration and Ethnic Issues. In J. Wal & M. Verkuyten (eds.), *Comparative perspectives on racism* (pp. 91-116). Aldershot: Ashgate.
- van Gorp, B. (2005). Where is the frame? Victims and intruders in the Belgian Press Coverage of the Asylum issue. *European Journal of Communication*, 20(4): 484-507. <https://doi.org/10.1177/0267323105058253>.
- van Leeuwen, T. (1996). The Representation of Social Actors. In C. Caldas Coulthard & M. Coulthard (eds.), *Texts and Practices: Readings in Critical Discourse Analysis* (pp. 32-70). London: Routledge.
- Vieira, I. (2015). The Construction of the Mediterranean Refugee Problem from the Italian Digital Press (2013-2015): Emergencies in a Territory of Mobility. *Networking Knowledge*, 9(4): 1-19.
- Vieira, R. & Trindade, J. (2008). Migration, culture and identity in Portugal. *Language and Intercultural Communication*, 8(1): 36-49. <https://doi.org/10.2167/laic266.0>.
- Wodak, R. (2008). Introduction: Discourse Studies – important concepts and terms. In R. Wodak & M. Krzyżanowski (eds.), *Qualitative Discourse Analysis in the Social Sciences* (pp. 1-29). New York: Palgrave Macmillan.